

A Teosofia à luz do Evangelho do João Rudolf Steiner

GA 94* Segunda conferência Munique, 28 de outubro de 1906

Tradução: Salvador Pane Baruja, 29/11/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Ontem^{NT} vimos que o Evangelho de João oferece algo que é possível vivenciar a partir de elevados níveis de conhecimento. Para chegar a isso, o ser humano deve inicialmente elevar-se no seu desenvolvimento.

O homem é efetivamente um ser em processo de desenvolvimento. Podemos acompanhá-lo na sua evolução de níveis inferiores a níveis superiores. Isso fica claro na diferença entre um selvagem e um europeu civilizado ou entre uma pessoa comum e gênios como Schiller, Goethe e Francisco de Assis. Cada ser humano tem acesso à possibilidade do desenvolvimento sem limites. Vamos entender isso na medida em que lembrarmos o que dissemos na conferência de ontem e, usando um esquema da doutrina básica da Teosofia, vamos esclarecer o desenvolvimento dos membros do ser humano.

(Durante a conferência, Rudolf Steiner escreve num quadro negro, passo a passo, o seguinte resumo, que começa à esquerda, de baixo para cima):

	IV Eu	
III.a Alma da sensação	III.b Alma da razão	III.c Alma da consciência
III Corpo astral, corpo da sensação		V Personalidade espiritual, <i>Manas</i>
II Corpo etérico, corpo vital		VI Espírito vital, <i>Budhi</i>
I Corpo físico		VII Homem espírito, <i>Atma</i>

Vemos portanto que o ser humano tem seu corpo físico em comum com todos os seres inanimados, o corpo etérico com todas as plantas do nosso mundo físico e o corpo astral com todos os seres vivos animais ao seu redor. Vemos assim que o ser humano, em relação ao seu desenvolvimento se distingue de todos esses seres na medida em que ele pode dizer a si mesmo “eu”.

O Eu não é de jeito nenhum apenas uma construção. Olhando mais profundamente, vemos que ele possui membros. O animal sente, tem cobiça e paixões; enquanto que a planta não tem nada disso, pois o animal possui um corpo astral. O Eu desenvolve-se no corpo astral do ser humano. Esse Eu já começou a agir muito antes de que a pessoa possa ter uma clara consciência dele. O desenvolvimento do ser humano mostra justamente isso.

A Terra no passado nunca foi igual à de hoje. A sua fisionomia mudou repetidamente e os continentes já estiveram anteriormente em outros lugares. Num período anterior da Terra, existia um continente, a Atlântida, onde hoje vemos o oceano Atlântico {entre a Europa e a América do Norte da atualidade}. Lendas imemoráveis preservam sinais disso e contam que ele afundou. É o dilúvio universal citado na Bíblia. Os seus habitantes viveram isso e eram diferentes de nós, que somos os seus sucessores. Na velha Atlântida, regiam outras condições atmosféricas e hídricas. Tudo estava

NT: segunda de oito conferências realizadas de 27 de outubro a 6 de novembro de 1906 no ramo de Munique da Sociedade Teosófica da Alemanha. As observações do tradutor são apresentadas entre chaves {}.

coberto por uma espécie de espesso nevoeiro. Nas palavras *Nebelheim* e *Niflheim* {traduzíveis como regiões enevoadas}, ainda ressoa um pouco dessa época. Não existia chuva, mas somente correntes de névoa; o sol não brilhava, porém existia uma difusa luminosidade. Somente depois de muito tempo é que o nevoeiro passou a se precipitar sob a forma de água, o sol penetrou um pouco a neblina permanente, num ligeiro prenúncio do que seria no futuro.

Nesse ambiente viveu o ser humano uma vida anímica e espiritual muito diferente da atual. Somente no final do período atlante, nos arredores da atual Irlanda, o ser humano mostrou pela primeira vez a sua consciência do Eu, pode pensar clara e logicamente. Em meio ao nevoeiro, não existia a possibilidade de distinguir os objetos como hoje em dia. O ser humano aprendeu a desenvolver a consciência da atualidade no ambiente onde vivia. Assim como os objetos surgiram do nevoeiro, o olho físico aprendeu a ver e, da mesma maneira, se desenvolveu a alma da consciência e, dentro dela, o Eu, que sabe por si mesmo. Nessa época, o ser humano já podia falar.

Retornando aos primeiros tempos da Atlântida, vemos que o ser humano tinha uma outra aparência. Não podia contemplar o mundo exterior, mas tinha uma outra forma de percepção, a percepção em imagens. Para compreender esse estado de consciência, os senhores devem imaginar que se trata de uma espécie de sonho realmente vívido, que reflete o ambiente em torno dos senhores. Um exemplo desse tipo de sonho seria o seguinte. Um estudante sonha que está na entrada da sala de aulas e outro estudante o empurra intencionalmente, o que constitui uma falta grave e que só pode ser sanada por um duelo. Ambos se dirigem a uma área desabitada e o duelo começa. O primeiro tiro ressoa e o estudante do nosso exemplo acorda, porque durante o sono tinha derrubado a cadeira que estava ao lado da cama. Se estivesse acordado, teria percebido que a cadeira tinha caído. Mas, como durante o sono a sua alma da consciência estava adormecida, ele só percebeu a queda da cadeira com a ajuda de uma força anímica profunda e pouco desenvolvida. A dramática ação do sonho é a imagem da modificação de um processo exterior.

Os processos conscientes dos habitantes da Atlântida ocorriam de maneira parecida a esse exemplo hipotético. As imagens eram mais ordenadas, mas não expressavam nenhuma percepção clara do meio ambiente em que os seres humanos viviam. A vida dos sentimentos transcorria por meio de percepções de cores e de sutis contatos físicos semelhantes a apalpações. Quando o atlante primitivo captava uma corrente de neblina que ele percebia simbolicamente como de cor vermelha, sabia que algo simpático se aproximava. Ou, quando se aproximava uma pessoa que não lhe era simpática, surgia nele uma determinada sensação, por exemplo, uma imagem de cores horríveis. O calor se apresentava como uma bela cor vermelha. É assim que acontecia de várias formas e variações. O atlante primitivo tinha portanto percepções sensoriais. Conosco acontece da mesma maneira quando se trata da dor, que evidentemente só existe em nós, mesmo que seja provocada por ações do mundo exterior. Também sentimos anímicamente dor no nosso interior e, portanto, é mais real do que os fatos externos.

Entretanto, os atlantes já conseguiam desenvolver representações mentais ordenadas. Não foi o caso dos habitantes da Lemúria, anterior à época da Atlântida, quando os seres humanos ainda não conseguiam articular uma linguagem. Eles estavam apenas em condições de interiorizar aquilo que os animais também sentiam. É assim que desenvolveram o que se chama de alma da sensação. Podemos considerar que o continente da Lemúria, que o fogo levou ao ocaso, estava situado entre a África, a Austrália e a Ásia {da atualidade}.

Voltemos ao esquema apresentado: os item III.a Alma da sensação, III.b Alma da razão e III.c Alma da consciência são três transformações enobrecidas do corpo astral. Somente a partir do final da era atlante é que o ser humano tornou-se capaz de trabalhar conscientemente em si mesmo.

Até então, aos forças cósmicas tinham dirigido o ser humano no seu desenvolvimento. A partir daí {do final da era atlante}, ele começa a assumir conscientemente o seu destino, a trabalhar em si mesmo, a educar-se. Em qual de seus corpos começa esse trabalho? É importante prestar rigorosamente atenção à sequência dessa atividade. Inicialmente, o ser humano esteve – e ainda está – em condições de trabalhar em seu corpo astral. Em termos gerais, a grande maioria dos seres humanos da atualidade ainda se encontra nesse nível. Generalizando, pode-se dizer que eles utilizam suas vivências e experiências para transformar o próprio corpo astral. Posteriormente, veremos que trabalhar nos corpos superiores consiste em trabalhar num nível superior. Vamos ficar por enquanto no primeiro nível, na capacidade de transformar o corpo astral.

Nesse sentido, vamos comparar o ser humano aculturado com o selvagem. Este segue sem inibições seus impulsos, desejos e paixões, cede a cada apetite. Mas pode começar a trabalhar em si mesmo. A certos impulsos, ele diz a si mesmo: “faz” e a outros, “supera-os”. Assim, o canibal deixa de devorar habitualmente os seus semelhantes e, dessa forma, abandona um nível cultural e adentra um outro. Ou ele passa a agir logicamente, aprende, por exemplo, a trabalhar a terra. Através desses passos, seu corpo astral torna-se cada vez mais estruturado. Anteriormente, as forças exteriores determinavam o seu comportamento e agora ele mesmo o faz. O corpo astral de um hotentote {grupos nativos que habitavam a Namíbia e a África do Sul da atualidade} descreve selvagens redemoinhos de um vermelho escuro. Uma pessoa como {o escritor alemão Friedrich} Schiller, verdes claros e amarelos. Francisco de Assis, um azul maravilhoso. É assim que o corpo astral é trabalhado. Aquilo que o Eu trabalha conscientemente no corpo astral chama-se personalidade espiritual ou *Manas* {termo de origen sânscrita, que significa mente}.

O trabalho consciente do Eu começa então a realizar algo muito singular. Antes da formação do *Manas*, contudo, aquela parte do corpo astral que o animal também possui fica intocada. Apesar do aumento da razão, o corpo astral do ser humano pode essencialmente ficar intacto, por exemplo, no que diz respeito aos apetites animais. Contudo, existem influências que modificam mesmo o corpo da sensação: a religiosidade consciente e a arte. Delas absorvemos a força para a auto superação e o enobrecimento, que é uma força muito mais poderosa do que a mera {força} moral. O homem tem em si tanto de *Manas* ou personalidade espiritual quanto ele trabalhou no seu corpo astral, que não é algo exterior, mas produto transformado do que anteriormente era a alma da sensação.

Enquanto eu trabalho somente no meu corpo da sensação, utilizo as minhas conquistas para mudar o meu corpo astral. Nem toda a moral do mundo nem a intelectualidade podem realizar mais do que isso. Mas, quando a verdadeira religiosidade age em mim, esta poderosa força se expressa através do corpo astral e chega ao nível imediatamente inferior, ao corpo etérico. Esta é uma ação muito mais poderosa do que o trabalho do Eu somente no corpo astral, pois a matéria prima do corpo etérico é muito mais bruta e oferece maior resistência, se comparada ao sutil corpo astral. O resultado dessa transformação chamamos de espírito vital ou *Budhi* {em sânscrito, significa o poder do conhecimento ou a força do discernimento}. A pessoa que chegava a esse nível mais elevado era chamado de Buda no Oriente. Essa gigantesca força moral se instala na consciência quando as três

almas são regidas por um Eu poderoso. Para o conjunto da humanidade, são estágios preparatórios. Somente o *Chela* {servidor, discípulo, em sânscrito} opera de maneira totalmente consciente no corpo etérico. O *Chela* só se esgota depois que a totalidade do corpo etérico foi espiritualizado. Esta atividade está concluída quando a pessoa consegue que o *Budhi* flua por completo no seu corpo etérico, de tal forma que o corpo vital, que fora enobrecido pelo Eu, se transforma interiormente em espírito vital.

É no terceiro nível que o ser humano atinge o mais elevado nível do princípio provisoriamente disponível. Ele está em condições de agir até no seu corpo físico. Assim, passa de *Chela* para o grau de Mestre. Quando o *Budhi* no segundo nível arde no seu corpo etérico, o ser humano domina o seu caráter, além dos princípios morais. Ele pode mudar o seu temperamento, a força da sua memória, seus costumes. O ser humano atual só consegue malmente dominar isso. Para entender o trabalho do *Chela*, os senhores deveriam comparar a sua atual situação de vida à da criança de dez anos que os senhores já foram. Quanto conhecimento os senhores já adquiriram desde essa idade até hoje, e quão pouco mudou o caráter dos senhores!

O conteúdo da alma mudou basicamente, mas os costumes e as inclinações mudaram muito pouco. A criança colérica, que esquece, invejosa, desatenta, em geral continua sendo assim mesmo na idade adulta. Quanto mudaram nossos pensamentos e representações mentais, que pouco mudaram nossos costumes! Esta comparação oferece aos senhores uma base para avaliar como o corpo etérico é muito mais teimoso, duro e difícil de conformar do que o corpo astral. No sentido contrário, as melhorias atingidas no corpo etérico são muito mais frutíferas e transcendentais!

A seguinte frase serve de exemplo para comparar a velocidade da passagem da transformação de cada corpo: aquilo que os senhores vivenciam e experimentam na vida muda com a mesma velocidade do ponteiro dos minutos do relógio {analógico}, enquanto que as mudanças de seus hábitos equivale à velocidade do ponteiro das horas. Aprender é fácil, perder os costumes é mais difícil. Mesmo na sua caligrafia dos anos passados, os senhores podem reconhecer isso, pois ela faz parte dos costumes. É fácil mudar os pontos de vista e o conhecimento, mas muito mais difícil é mudar os hábitos. A tarefa do *Chela* é mudar essa coisa teimosa que é o hábito. Isso significa vir a ser um outro ser humano, na medida em que a pessoa gera um outro corpo etérico ou seja, transforma o corpo vital em espírito vital. Dessa forma, a pessoa passa a ter em suas mãos as forças do crescimento. Os hábitos pertencem às forças reveladas do crescimento. Na medida em que eu destruo esses costumes, eles passam a ser a força do crescimento, o *vis vitalis* {no original}, e ficam à minha disposição, dirigida por minha consciência. O Cristo diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”¹. O Cristo é a personificação da força que muda o corpo vital.

Agora, vejamos o terceiro nível. Existe algo que é ainda muito mais difícil de trazer sob o controle da vontade livre do que os nossos costumes, do que os nossos movimentos anímicos. É o corpo físico com as suas dependências de caráter animal e vegetativo, mecânico e reflexivo. Existe um nível no desenvolvimento humano, no qual nenhum nervo está em atividade e nenhum glóbulo sanguíneo se movimenta sem a participação consciente da vontade humana. Essa auto conversão mexe em relações e condições que foram estabelecidas muito tempo antes da existência da Atlântida

1 João 14:6.

e da Lemúria. Concomitantemente, são os hábitos nos estádios mais difíceis de se reverter: os hábitos nos primigênicos estágios cósmicos. Através deste trabalho, o ser humano desenvolve o *Atma* {é a palavra em sânscrito para hálito}, o homem espírito. O fundamento para esse trabalho já existe atualmente em cada ser humano. Este ciclo só pode entrar em movimento depois que o ser humano atingir a consciência absoluta do Eu.

As leis mais fortes, as mais poderosas, são as leis do processo respiratório. O homem espírito depende por completo da respiração pulmonar, pois ela é a expressão exterior da progressiva chegada do Eu. Nos velhos tempos da Atlântida, esse fundamento apareceu sob a forma das lendas sobre o Eu. Na Lemúria, o ser humano não respirava através dos pulmões, mas por meio de órgãos parecidos aos brônquios. Ele não andava como hoje, mas flutuava ou nadava num elemento líquido que reunia a água e o ar. Um órgão parecido à bexiga natatória dos peixes lhe permitia manter o equilíbrio. À medida que o ar foi se retirando desse elemento líquido, a bexiga natatória foi se transformando nos pulmões do homem da atualidade.

O desenvolvimento da consciência do Eu ocorreu paralelamente à dos pulmões. Isso se espelha na frase: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”. O *Atma* nada mais significa do que “hálito”. É por isso que regular o hálito é o mais poderoso instrumento de trabalho do ioga, que ensina a dominar todas as funções vitais. Aqui já estamos olhando para o futuro, quando então o ser humano poderá se transformar a partir do seu interior.

O trabalho consciente no corpo etérico é a qualidade do *Chela* em ação.

O trabalho consciente no corpo físico é a qualidade do Mestre em ação.

O ser humano vivencia esse crescimento ascensional nos dois estágios como sendo a descoberta de novos mundos, de novas áreas, que só pode ser comparada ao sentimento do recém nascido, que sai do escuro e morno ventre materno para o frio e luminoso mundo material. Em todos os centros de mistério, o momento da concepção do *Budhi* é chamado de segundo nascimento, de novo nascimento, de o despertar. Assim como antigamente o ser humano saiu de um mundo interior, do qual só existem reminiscências nos sonhos, assim adentra ele um novo mundo como que despertando no mesmo mundo num nível superior.

Em tempos imemoriais, o Eu humano captava o mundo {exterior} com o auxílio de suas próprias imagens interiores. No futuro nível de elevada clarividência, ele sairá de si mesmo e verá as entidades das coisas, verá suas almas. É uma clarividência dirigida para fora e destaca as coisas “em si”. Por exemplo, o clarividente penetra até o fundo de uma planta, até debaixo de uma pedra. Como a sua razão está completamente desperta, esta clarividência dirigida para fora ilumina não somente o fundamento da própria alma, mas também o das entidades e das coisas fora do ser humano. Assim avança o desenvolvimento.

O ser humano da atualidade vive num estágio de *Manas*, isto é, ele pode mesmo mudar a essência do seu corpo astral, mas ainda não o do seu corpo etérico e de jeito nenhum do seu corpo físico. É por isso que o ser humano acolhe de outro ser humano somente tanto quanto corresponde ao seu grau de desenvolvimento. Aqui também se aplica a frase “você se parece ao espírito que você percebe, mas não a mim!”³.

2 Gênesis 2:7.

3 Ecoa Wolfgang Goethe, *Fausto*, primeira parte, verso 512.

Essas denominações aqui utilizadas correspondem às seguintes expressões da terminologia cristã:

Pai	A palavra do filho	Espírito, Espírito Santo
<i>Atma</i>	<i>Budhi</i>	<i>Manas</i>

Porque *Budhi* é chamado de “a palavra”? Aqui chegamos à beira de um dos maiores mistérios e veremos mais à frente qual é o elevado significado que repousa na denominação “a palavra”.

Vimos como o ser humano espiritualiza o seu corpo vital por meio do *Budhi*. Como age o corpo vital no ser humano? Crescimento e reprodução, tudo isso diferencia um ser vivo do mineral. Qual é a mais elevada exteriorização do corpo vital? A reprodução, o crescimento, além de si mesmo. O que vai acontecer com a última exteriorização do corpo vital, quando o ser humano retomar conscientemente o caminho de volta à espiritualização? Em que se transformará essa força de reprodução, o que acontecerá com ela quando se purificar, se espiritualizar? Os senhores têm na laringe {do ser humano} a purificação, a transformação da força reprodutora, e no som da vogal da palavra articulada repousa o poder transformador da reprodução.

Conforme a lei “tudo do alto é como tudo embaixo”, também encontramos o processo correspondente no nível físico: a mudança da voz, sua mutação, no período da maturidade sexual {do adolescente}. Tudo o que é espiritual surge pela palavra ou está contido na palavra. Esta é a primeira de todas as manifestações do *Budhi*, quando o primeiro som é articulado a partir da alma humana. É por isso que um mantra age de maneira significativa, porque é uma palavra articulada espiritualmente. Portanto, o mantra é o meio do *Chela* para agir nas profundezas da alma humana.

Assim, temos no plano físico o poder de reprodução, pela qual a vida é gerada além do próprio corpo e transmitida para ser algo que tem continuidade. A exemplo dos órgãos físicos de geração da vida corporal, os órgãos que geram a palavra – a língua, a laringe e o hálito – transmitem a vida espiritual como se fossem aparelhos que iniciam o processo. Do ponto de vista fisiológico, é evidente a íntima relação entre a voz e a procriação, que se mostra no som do rouxinol, na época do acasalamento, na mudança da voz, no canto encantador, no arrulho do pombo, no cacarejar do galo, no bramido dos mamíferos.

Quase que podemos chamar a laringe de órgão sexual superior. A palavra tem o poder da criação do novo espírito humano; com a palavra, o ser humano atinge a força criativa espiritual. Atualmente, ele domina o ar com a palavra, na medida em que plasma a palavra de maneira orgânica e rítmica, a agita, a vivifica. Num nível superior, ele tem esse poder no elemento líquido e, finalmente, no sólido. Os senhores observam assim a transformação da palavra na palavra criadora. O ser humano vai atingir esse estágio do seu desenvolvimento, pois já foi assim no início. A expressão “o corpo vital flui da palavra do espírito primevo” deve ser tomada literalmente. É por isso que *Budhi* é chamada de “a palavra”, o que nada mais significa do que “Eu sou”.

Deus	Vida	Luz
Corpo físico	A palavra	Corpo astral
	Corpo etérico	Corpo das
	Corpo vital	sensação

O quadro acima corresponde aos três reinos.

É assim que vemos com geométrica clareza as miraculosas palavras de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” {João 1:1}. O corpo astral, que ilumina feito as estrelas, será a luz da palavra. Os três conceitos básicos de João são o Deus primevo, a vida e a luz. O João teve de se desenvolver até atingir o *Budhi* para poder compreender o que se revela em Jesus Cristo. Os outros três evangelistas não estavam igualmente desenvolvidos. O João expressa o mais elevado, ele era o que se chama de um desperto, aquela pessoa que desperta a sua consciência superior.

Todos os seres humanos que despertaram a sua consciência superior são chamados de João. Esse é um nome de um gênero {de pessoas} e a ressurreição do Lázaro no Evangelho segundo João nada mais é do que a descrição desse despertar. O autor do Evangelho segundo João, cujo nome vamos ouvir mais tarde, chama-se simplesmente “o discípulo que o senhor amava”. Essa é a denominação dos mais íntimos seguidores, daqueles que o mestre conseguiu despertar {espiritualmente} para serem discípulos. A descrição desse despertar é dada pelo autor do Evangelho segundo João na ressurreição do Lázaro: “o discípulo a quem Jesus amava” {João 13:23}, pois ele pode despertá-lo.

Quando nos aproximamos com profunda devoção a uma documento religioso como o Evangelho segundo João, então podemos ter a esperança de chegar a entendê-lo literamente e, assim, poder derramar mais um pouco do seu sagrado conteúdo na nossa compreensão.

* GA 94 Cosmogonia Ocultismo popular O Evangelho segundo João A Teosofia à luz do Evangelho segundo João Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 2001.